

Tradução de: CLIFFE LESLIE, Thomas Edward. *The Love of Money*. In: *Essays in Political Economy*. Dublin: Hodges, Figgis & Co; London: Longmans, Green & Co., 1888.

O amor ao dinheiro¹

[1] O Amor ao Dinheiro nunca teve muito crédito com moralistas. Quase todos eles lhe atribuíram um dos níveis mais baixos na escala das afeições humanas. Falamos de afeições humanas por distinguirem o homem de todos os outros animais, por mais inteligentes que sejam. “Você me chama de cão”, disse Shylock ao mercador cristão; “mas um cão tem dinheiro?” Frenologistas² de fato afirmaram que todas as propensões – combatividade, destrutividade, filoprogenitividade, alimentatividade, amor à vida, etc. – são “comuns aos homens e aos animais inferiores”. Mas é surpreendente não terem descoberto alguma protuberância peculiar na cabeça humana correspondente a uma propensão peculiar pelo dinheiro em seu interior. É mais lamentável ainda não terem encontrado a localização desse órgão, pois sem ele seria possível reivindicar, em nome dos animais inferiores, sua relação mais próxima com a família dos humanos. Se um surto de filargíria ou filoneísmo³ pode ser demonstrado na cabeça humana, uma ausência clara dessa manifestação no crânio dos primeiros nos permitiria refutar a conexão, para satisfação pelo menos dos crentes na frenologia. No entanto, não nos permitiria, sem maior investigação, determinar se o amor ao dinheiro, que nos distingue dos brutos, [2] nos coloca acima ou abaixo deles em caráter moral. Para nos satisfazer nesse ponto, devemos começar perguntando no que consiste essa coisa “Dinheiro”, à qual os homens, e somente os homens, são tão afeiçoados. A célebre pergunta de Sir Robert Peel⁴ – “O que é uma Libra?” – foi respondida por ele mesmo em termos de que uma Libra é uma quantidade fixa de ouro ou prata. Mas essa resposta, embora muito apropriada numa discussão sobre a moeda, é irrelevante para a nossa atual investigação, isto é, saber se o dinheiro é um bem ou um mal; e se o amor por ele é uma boa ou uma má qualidade da humanidade. Sir Robert Peel muito justamente ridicularizou a definição dada por um autor segundo a qual a Libra seria “uma noção de valor monetário em relação a mercadorias”. No entanto, na vida prática, é realmente assim que os homens geralmente veem e assumem o dinheiro. Eles o veem como bens, como mercadorias à venda no mercado do mundo. Uma Libra para um “marinheiro”, por exemplo, é tanto cerveja quanto cigarro; para sua mãe, é tanto chá como açúcar. Esses dois casos são suficientes para mostrar

¹ [N. do T.] Agradecemos a contribuição de Lincoln Frias.

² [N. do T.] Segundo o Houaiss, frenologia é “a doutrina segundo a qual cada faculdade mental se localiza em uma parte do córtex cerebral e o tamanho de cada parte é diretamente proporcional ao desenvolvimento da faculdade correspondente, sendo este tamanho indicado pela configuração externa do crânio [Considerava, por isso, que a conformação e as medidas do crânio poderiam indicar o caráter e o intelecto do indivíduo]”.

³ [N. do T.] De acordo com o mesmo dicionário, filargíria é o amor excessivo pelo dinheiro e o filoneísmo é o gosto excessivo por novidades.

⁴ [N. do T.] Primeiro-ministro britânico de 1834 a 1835 e 1841 a 1846.

a extrema dificuldade de pronunciar qualquer julgamento moral sobre o que quer que seja o amor ao dinheiro, considerado como uma propensão humana em geral, pois o amor ao chá e ao açúcar é aceito universalmente como uma inocente afeição, enquanto o amor à cerveja e ao cigarro é geralmente condenado por combinar dois dos mais perniciosos desejos. O amor ao dinheiro é, na verdade, apenas um termo para exprimir o amor por um vasto número de coisas diferentes, que podem ser boas, más ou indiferentes, dependendo do ponto de vista moral, religioso, estético, político ou médico, mas que são semelhantes num aspecto – a saber, são todas obtidas com dinheiro e não podem ser obtidas sem ele. Como Salomão disse: “um banquete é feito para divertir, e o vinho torna a vida alegre, mas isso tudo se paga com dinheiro”. O amor ao dinheiro é o desejo universal por riqueza do qual os economistas políticos deduziram uma teoria dos valores comerciais e importantes verdades a respeito das condições da energia e prosperidade industrial. Todos desejam algum tipo de riqueza e o dinheiro é transmutável em todos os outros tipos e, portanto, todos amam o dinheiro por alguma razão, da qual extraímos [3] as leis da competição, dos preços, salários, lucros e da renda. Porém, esse princípio geral do interesse pecuniário ou amor à riqueza não é capaz de explicar inteiramente o fenômeno do mundo econômico. Pois ele é, como mencionado, apenas uma expressão única para uma grande variedade de vontades, desejos e gostos que nem sempre são os mesmos dependendo da época e do lugar, nem são semelhantes para todo indivíduo de determinada época ou lugar, e, além disso, levam a consequências muito diferentes quanto à natureza, quantidade e distribuição da riqueza, e em relação ao bem-estar material e moral da sociedade humana.

Aquele vício de linguagem a que os metafísicos chamam de realismo das escolas ainda contamina muitos dos termos e frases que a filosofia deve empregar. Muitas coisas diferentes são semelhantes em algum aspecto, e um nome comum lhes é dado em função de seu único aspecto ou circunstância comum. É simplesmente um nome para sua característica comum, mas que desvia dos olhos e da mente diversas diferenças, e coisas diferentes passam a ser pensadas em conjunto como um só tipo de coisa. Portanto, aqueles moralistas que se sentem melhor para sinceramente denunciar o princípio geral do amor ao dinheiro ou a busca da riqueza dos quais parte a economia política confundem, com seu horror à mera abstração, o amor à saúde, à limpeza, à decência e ao conhecimento com a sensualidade, a avareza e a vaidade. E talvez os economistas políticos não tenham escapado do viés de sua própria fraseologia, e são capazes de imaginar, em suas discussões científicas, uma explicação muito mais ampla de todo o fenômeno da riqueza, e uma maior aproximação à completa filosofia do sujeito, do que está no interior de seu campo tal como circunscrito atualmente por eles mesmos.

É evidente que o amor ao dinheiro envolve uma demanda por várias coisas, cuja produção afeta de diversas maneiras tanto os interesses materiais dos consumidores, quanto a qualidade e a distribuição de renda de toda a comunidade. Ele inclui um amor por

fotografias, brinquedos, joias, pratos, móveis, roupas, ópio, sabão, bíblias, licor e, em suma, tudo da Exposição Internacional e muitas coisas não exibidas lá. Inclui um amor por comer e beber, tanto com moderação [4] como em excesso; pela literatura e a ciência; pela arquitetura; pelas belas-artes; pela indolência e pelo sossego; pelo negócio e pelo esporte; por uma viagem ao estrangeiro e por uma casa de campo; pela música, pela caridade, sensualidade, crueldade e poder; por cavalos e cães. Expressa às vezes o desejo pelos confortos de um velho celibatário e às vezes a inclinação para o matrimônio, e ao tomar essa última direção, pode significar o amor por uma jovem mulher numa cabana e por outra num palácio sem amor. Num homem é caça-níquel - em outro, um apego desinteressado à senhora Aurora Sem Tostão. Os discípulos de Malthus sabem como discriminar as consequências econômicas dessas diversas tendências matrimoniais e as importantes diferenças de sua influência no preço da carne. Napoleão III parece ver no dinheiro os tendões da guerra. Seu amigo Sr. Cobden⁵ o associa com o comércio e a paz. O amor ao dinheiro do homem pobre é um sentimento diferente daquele do homem rico e, portanto, o autor deste ensaio não vibra com as emoções que devem animar o peito do Barão de Rothschild e do Lord Overstone.⁶ O sulista americano adora no todo-poderoso dólar o doador de escravos africanos; o escravo negro do Brasil o adora principalmente como um comprador de liberdade. A riqueza cobiçada pelos homens no Oriente não é a mais valorizada pelos homens do Ocidente. A maior riqueza de um Rajá indiano é a quantidade de esposas, servos e elefantes, e muitos ornamentos de ouro sobre o corpo de seu elefante e de si próprio – tudo isso, inclusive as esposas, seria insuportável para um duque ou príncipe inglês. Um velho autor nos conta sobre uma cerimônia religiosa que testemunhou na Turquia, na qual o príncipe Mustafá – um menino de onze anos de idade – “estava tão coberto de joias, tanto ele como seu cavalo, que se poderia dizer que carregava o valor de um império sobre si”. Isso quer dizer que a riqueza, que nas mãos de capitalistas ingleses teria feito próspero todo um território e teria sido distribuída sob a forma de salários para muitas centenas de famílias, concentrava-se em tornar vaidosa e desagradável uma pequena criança turca. E o desejo oriental por joias não somente tem efeito sobre a condição econômica do mundo que merece a atenção do economista político, [5] mas também se originou, em grande medida, da ausência, por muitos anos, das condições essenciais para a prosperidade geral e a acumulação da riqueza em formas realmente úteis. Onde a insegurança prevalece por muito tempo, um espírito de entesouramento deve existir, com um desejo pelo tipo de riqueza que contém mais valor numa forma durável e móvel, podendo ser facilmente escondida, facilmente removida, e capaz de ficar por meses ou anos enterrada no chão. É provável, portanto, que o amor a correntes e joias de ouro pelo qual o judeu europeu é reconhecido tenha uma origem

⁵ [N. do T.] Richard Cobden foi um industrial e político britânico do século XIX.

⁶ [N. do T.] Banqueiro e político britânico do século XIX.

européia e asiática, sendo herdada de seus perseguidos, saqueados e usurários ancestrais na Idade Média, que achavam necessário embalar sua riqueza no menor círculo possível.

A existência de segurança, bancos e papel-moeda há muito extinguiu da Inglaterra aquele curioso animal, o avarento genuíno, com seu tesouro guardado numa caixa forte, fazendo bem algum a ninguém. O Dr. Johnson,⁷ falando de avarentos a Boswell,⁸ disse, "o homem que guarda seu dinheiro, na verdade, faz mais uso dele do que se o tivesse gastado. Porque Sir Lowther,⁹ ao guardar seu dinheiro, comanda o condado que sua família havia perdido ao gastá-lo". Porém, um milionário inglês não guarda o seu dinheiro para si, como o velho avarento, independente de gastá-lo ou não. Se o poupa, em vez de trancafiá-lo ou carregá-lo consigo, ele o coloca num banco, cujos clientes utilizam a riqueza não consumida por ele próprio.

Mas quando dizemos que a forma do amor ao dinheiro expressa no amor a roupas, ornamentos e joias é praticamente restrita aos homens dos países orientais, devemos ser compreendidos como falando dos homens em seu sentido mais estreito e não fazendo alusão naquela comparação às mulheres dos dois hemisférios. As mulheres têm em todo lugar suas próprias noções peculiares sobre o valor do dinheiro, e um mundo só de homens ou mulheres conteria uma variedade muito diferente de artigos de riqueza daquela existente na grande loja mundana para ambos os sexos. Como a maioria das espécies de animais, o macho é mais bem ornado do que a fêmea, mas isso parece ser verdadeiro para [6] a espécie humana somente nas formas menos civilizadas. Pois podemos perceber, com o avanço da civilização européia, um marcado declínio no gosto dos homens em ostentar a riqueza no corpo. Um barão medieval gastava muito mais tempo para se arrumar do que sua esposa ou filha. Mesmo no século passado, a toalete de um cavalheiro era quase tão elaborada e esplêndida quanto a de uma dama. Agora, um cavalheiro se acha elegante com uma flor na lapela numa tertúlia na qual as mulheres estão resplandecentes com diamantes. Seria uma investigação instrutiva o quanto essa diferença no desejo por riqueza remete a uma diferença radical na natural constituição mental dos sexos e o quanto as restrições às mulheres confinam sua ambição em geral a objetos fúteis, levando-as a desperdiçar seu tempo em caçar maridos, enquanto os homens caçam cadeiras no parlamento e raposas. Addison comenta, no "Spectator", que "se pode notar que as mulheres de todas as idades têm sofrido mais que os homens para adornar o lado de fora de suas cabeças". Talvez uma razão para isso seja que os homens em todas as idades lhes evitaram o sofrimento de adornar o lado de dentro. Já que estamos falando de roupa como um dos equivalentes de dinheiro, e um dos objetos de sua busca, devemos observar aquela singular revolução da mente humana que levou todos os homens de certa posição, no mundo Ocidental, a se vestir toda noite de preto dos

⁷ [N. do T.] Samuel Johnson, conhecido como Dr. Johnson, foi um escritor inglês do século XVIII.

⁸ [N. do T.] Biógrafo escocês do século XVIII, autor da biografia de Samuel Johnson.

⁹ [N. do T.] Diplomata inglês de meados do século XIX e início do XX.

pés à cabeça como se fosse para um funeral. E a maioria dos homens, de qualquer posição, naquela região civilizada, passou a se vestir em tons escuros durante todo o dia. O vestuário masculino, último produto da civilização, parece mostrar uma notável mistura de bom senso e mau gosto. O erro das mulheres de nosso tempo parece ser o desejo de ostentar o desperdício, enquanto o erro dos homens é desejar a simplicidade e a melancolia.

Muitos outros exemplos podem ser dados sobre as curiosas voltas dadas pela sofisticação das roupas, assim como sobre os usos do dinheiro. No norte da Irlanda, por exemplo, é comum ver uma garota na estrada com um elegante gorro, uma longa anágua e um alegre [7] guarda-sol carregado da maneira usual, mas com um par de sapatos não calçados nos pés e sim levados nas mãos. Há vinte e cinco anos, essa garota não se importaria mais com o efeito do sol sobre a pele de seu rosto do que se importa agora com o efeito da terra sobre a sola do seu pé. Daqui a vinte e cinco anos, pode-se prever com segurança que essa garota não só considerará recomendável usar os sapatos nos pés, como também descobrirá como realmente machucam menos os calçados, quando se está acostumado com eles, do que as pedras sobre a estrada. Ao mesmo tempo, devemos admitir que os sapateiros do mundo dos homens – e, presume-se, do mundo das mulheres também – fizeram tudo para perpetuar um preconceito contra sua própria produção particular e enfraquecer a força do amor ao dinheiro em nome de obtê-lo. Há, novamente, no inventário da riqueza moderna, e entre os usos civilizados do dinheiro, outra peça de vestuário de caráter tão óbvio e simples que muitas pessoas podem naturalmente supor que ela descenda da mais remota antiguidade. No entanto, alguns séculos atrás, nenhum guarda-roupa da Inglaterra continha sequer uma roupa de dormir para a mulher ou para o homem, rei ou rainha. Considere ainda outra instituição do moderno quarto de vestir – a banheira. Há uma história da civilização no Conto de uma Banheira¹⁰. Há uma carta no velho "Spectator", sobre os efeitos do amor ao dinheiro, em que o autor diz ser por ele que devemos ao político, ao comerciante e ao advogado. "Não", ele acrescenta, "acredito que por isso também estamos devendo ao nosso "Spectator"¹¹. Não estamos preparados para explicar os vários motivos que inspiram as penas dos autores. Shakespeare escrevia por dinheiro? O Papa? O Dr. Johnson? O Lord Macaulay?¹¹ Sir Edward Bulwer Lytton escreve por dinheiro?¹² Estamos preocupados no momento com os motivos dos consumidores e não dos produtores. Uma coisa pelo menos é clara: é em grande medida o crédito do primeiro que induz a produção do segundo, e o amor ao dinheiro no mundo moderno é, em boa medida, o amor por objetos bons, elevados e instrutivos – um amor que se concilia com seu retorno. Novos desejos por saúde, decência, conhecimento, refinamento e prazeres intelectuais têm, de fato, revolucionado a produção. A antítese da riqueza moderna não é [8] tanto a pobreza, mas um tipo de diferente de

¹⁰ [N. do T.] *A Tale of a Tub*, de Jonathan Swift, publicado em 1704.

¹¹ [N. do T.] Político britânico do século XIX.

¹² [N. do T.] Escritor e político inglês do século XIX.

riqueza. A mudança é mais notável na qualidade do que na quantidade. Parte considerável da riqueza humana, é verdade, ainda consiste de meios de infelicidade em vez de felicidade e na gratificação do vício em vez da virtude. Como um todo, entretanto, há uma transformação no caráter moral da riqueza e dos desejos envolvidos no amor ao dinheiro em geral. Em grande medida, em vez de representar maldade, deleite brutal e pompa fútil, ou conquista, tirania e pilhagem, a riqueza da Europa representa paz, cultura, liberdade e o conforto de muitos em vez da magnificência de poucos. Onde o tesouro do homem está, lá também está seu coração. Os tesouros da civilização moderna nos parecem mostrar um aperfeiçoamento notável tanto na condição moral, quanto intelectual e física da sociedade. “Ricos”, disse Milton,¹³ “crescem no inferno”, pois mesmo em sua época muito da riqueza produzida na terra foi marcada por ser propriedade de seres maus e infelizes. Mas podemos nos arriscar agora a perguntar àquelas pessoas bem-intencionadas que, independentemente de tempo e lugar, e sem discriminar o bem e o mal, repetem antigas advertências contra o amor ao dinheiro e a busca da riqueza, se querem elogiar a sujeira sob o nome de pobreza, se pensam ser a ociosidade superior à indústria, a ignorância superior à ciência e à arte, a barbárie superior ao progresso civilizado? Para economistas políticos, por outro lado, arriscamos sugerir o cultivo de um departamento de filosofia dos ricos, os quais nunca foram cientificamente investigados. As leis que regulam o valor da oferta vinda dos produtores foram desenvolvidas quase exaustivamente na economia política, mas as leis mais profundas que regulam a demanda dos consumidores e confere ao amor ao dinheiro toda sua força e seu significado ainda não recebeu a atenção regular de nenhuma escola de filósofos.

Traduzido por Thiago Fontelas Rosado Gambi

¹³ [N. do T.] Poeta inglês do século XVII.